

A conexão planetária, de Pierre Lévy

Rovilson Robbi Brito

e-mail: rovilson.britto@terra.com.br

Jornalista, professor do Centro Universitário Álvares Penteado (FECAP), doutor em comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.

O pensador francês Pierre Lévy é, sem sombra de dúvida, uma referência obrigatória para aqueles que procuram entender a emergência do ciberespaço e sua relação com as variadas dimensões da vida social.

O conjunto de sua obra é marcado por uma análise antropológica do ciberespaço e de sua influência no campo do conhecimento, da filosofia, da cultura, da economia e da educação.

Obras como *O que é o virtual* e *Cibercultura* trouxeram contribuições decisivas para a temática do ciberespaço, apesar de sempre terem um caráter polêmico e controverso nos meios acadêmicos. Não poderia ser diferente com o trabalho *A conexão planetária – o mercado, o ciberespaço, a consciência*, publicado pela Editora 34.

O livro começa com um *Manifesto dos Planetários*, no qual o autor define o longo período de existência do Homem na terra, como sendo um processo que se deu a partir de sua dispersão no território; da ruptura com o nomadismo; do adensamento populacional; da ocupação de todo o globo e do momento atual, que seria a conexão de todos os seres humanos, de suas subjetividades, tendo como *locus* desse encontro o ciberespaço. No manifesto, o autor propõe que se tenha uma visão mais dinâmica da situação, afirmando que a relação de dominação existente (que ele diz ser inegável) acaba por se desdobrar numa relação de condução a um futuro comum e positivo. E vai além, pois entre a luta por mudar um governo ou modelo ou mudar de país, ele propõe que seja adotada a segunda alternativa, generalizando essa lógica de troca até mesmo para as relações de trabalho e amorosas. O primeiro capítulo acaba por explicitar e sistematizar a visão, muito criticada de Lévy, do social como um processo natural, em relação ao qual os Homens devem se adaptar e tirar os melhores frutos, sem crítica. Fica claro o apoio do autor à lógica atual do sistema de poder político e econômico.

No capítulo seguinte - *A economia virtual* -, o pensador procura demonstrar os motivos de sua adesão ao modelo atual de capitalismo e mercado. É quando fica ainda mais explícita sua crença e o deslumbre com o mercado: "A distribuição é tudo,

porque o consumo é tudo" ou "o império mundial sob a dominação norte-americana mais ou menos branda – hoje em via de consolidação – logo não terá nenhum rival".

O pensador francês afirma ainda que crescentemente ocorre uma fusão entre as dimensões materiais e espirituais no âmbito do mercado, dizendo que não há lugar para separar as atividades técnicas e materiais das instâncias intelectuais e espirituais da humanidade.



Sinalizando uma vez mais com sua visão de "naturalização" do processo social, Lévy afirma: "O 'capitalismo', assim como a morte e a sexualidade para a evolução biológica, é talvez uma artimanha da evolução cultural para mobilizar as pessoas, acelerar as circulações, ampliar e flexibilizar o porte dos laços sociais e difundir as inovações" e conclui com sua visão exageradamente otimista, para não dizer distorcida, da realidade: "A instauração efetiva do liberalismo, que supõe um estado muito avançado da ética e da espiritualidade de uma população, conduz, efetivamente a um aumento da riqueza geral".

O terceiro capítulo do livro – *A subida em direção à noosfera* -, trata da ampliação do papel da cultura e da subjetividade nos tempos atuais de conexão planetária. Nessa parte do trabalho, o autor retoma seu conceito de inteligência coletiva (conexão de subjetividades potencializando qualidades) e procura desenvolvê-lo como uma necessidade e uma realidade na perspectiva do que chama de um hiper-córtex global. Nesse sentido, desenvolve toda uma leitura da necessidade da aceitação das diferenças culturais nacionais e da importância da intensificação das relações ocidente/oriente, e defende o intercâmbio, a troca e a unificação. Aponta o papel decisivo da Internet como o espaço por excelência para a intensificação dessa troca, dessa unificação da esfera subjetiva da humanidade.

O terceiro capítulo do livro – *A subida em direção à noosfera* –, trata da ampliação do papel da cultura e da subjetividade nos tempos atuais de conexão planetária. Nessa parte do trabalho, o autor retoma seu conceito de inteligência coletiva (conexão de subjetividades potencializando qualidades) e procura desenvolvê-lo como uma necessidade e uma realidade na perspectiva do que chama de um hiper-cortéx global. Nesse sentido, desenvolve toda uma leitura da necessidade da aceitação das diferenças culturais nacionais e da importância da intensificação das relações ocidente/oriente, e defende o intercâmbio, a troca e a unificação. Aponta o papel decisivo da Internet como o espaço por excelência para a intensificação dessa troca, dessa unificação da esfera subjetiva da humanidade.

Afirma ainda que o computador deve figurar entre outros "objetos antropológicos" como o fogo, a arte e a escrita, pois todos, ao seu tempo, aceleraram o processo de hominização. No campo da evolução da troca cultural, o rumo geral apresentado por Lévy é de fato positivo, mas desconsidera sobremaneira os impasses, os conflitos e a tendência hegemônica que determinadas culturas têm em relação a outras. Portanto, fica mais no campo do desejo e da proposta e menos no campo da análise concreta das tensões, conflitos e confrontos que marcam essa "conexão" que se vai realizando. E essa visão acima do real, do conflitivo, aparece ainda com mais força no capítulo seguinte – *A expansão da consciência* –, no qual o autor revela sua visão de como se constitui a sociedade hoje, acima das diferenças de classe e das disputas reais. A expressão máxima dessa visão é assumida claramente no seu chamado 'credo epistemológico', no qual afirma: "O mundo não precisa de crítica, o mundo precisa de amor".

Na visão sociológica de Lévy, não existem categorias sociais, mas somente pessoas capazes de ter o coração e o espírito mais ou menos vasto. Uma verdadeira sociologia do amor. Em diversos momentos desse capítulo deparamo-nos com visões que se distanciam sobremaneira da busca científica e beiram trabalhos

de auto-ajuda ou de misticismo. E essa verdadeira pregação volta com força no fechamento do trabalho, na conclusão. O autor afirma: "A humanidade logo irá compreender que quanto mais ela amar a si mesma, mais ela evitará as guerras, os conflitos, as violências, as agressões, as obsessões, a ignorância, os preconceitos e a estreiteza de espírito, e mais formas ela perceberá". Como se vê, *A conexão planetária* constitui-se de um momento de clara afirmação das convicções de Pierre Lévy. Convicções que apareciam de maneira dispersa e menos intensa e clara em outras obras, apesar de já terem sido identificadas e criticadas. Uma visão contraditória, já que ele defende o sistema e a lógica que perpetra justamente o oposto dos valores que ele acaba por levantar como perspectiva. Falta conexão entre suas posições sobre liberalismo e capitalismo, entre seu desejo de amor e fraternidade e a realidade. São universos distintos que não dialogam. No entanto, pelos méritos e deméritos, o livro é indispensável para quem pensa a sociedade contemporânea e o ciberespaço. Uma referência obrigatória.

LÉVY, PIERRE. **A conexão planetária – o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LICEU

on line